

O Acesso ao Ensino Superior: gênero e raça*

Delcele M. Queiroz**

RESUMO: A pretensão do trabalho é aportar alguma contribuição à reflexão sobre o acesso à formação superior, numa perspectiva de gênero e raça, isto é, que se preocupe em compreender a vinculação da mulher com o mundo do trabalho na sua relação com o universo masculino, tomando em consideração o seu pertencimento racial. A pesquisa analisa dados sobre o acesso dos estudantes à Universidade Federal da Bahia, no período 1993 a 1997, procurando perceber de que modo se associam gênero e cor, para determinar o sua inserção nas carreiras do ensino superior. A análise evidencia que a expectativa da sociedade, em geral, e do grupo familiar, em particular, agindo sobre a mulher desde muito cedo, direcionam suas escolhas para o que é esperado como o papel feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho, formação superior, gênero, raça, família.

INTRODUÇÃO

A pretensão deste trabalho é analisar a participação de homens e mulheres dos distintos segmentos raciais no ensino superior, a partir do exame do acesso de estudantes à Universidade Federal da Bahia.

Os estudos têm chamado atenção para o acesso diferenciado de homens e mulheres ao ensino superior. No Brasil, as mulheres começam tardiamente a ingressar na universidade. Somente a partir do final do século XIX, as mulheres brasileiras adquirem o direito de ingressar no ensino superior. O pioneirismo do acesso feminino à universidade

* Este trabalho é resultado de pesquisa desenvolvida na tese de Doutorado “Raça, gênero e educação superior”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA.

** Doutora em Educação (FACED/UFBA). Professora da Faculdade de Educação da UNEB.

cabe a uma médica, formada pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1887.¹

Em pesquisa realizada nos arquivos das antigas escolas superiores que vieram a constituir a Universidade de São Paulo, Blay e Conceição (1991) dão conta de que a primeira mulher a diplomar-se em Direito, em São Paulo, data de 1902. Somente nove anos depois, em 1911, registra-se a presença de mais uma mulher. Em 1918, as primeiras mulheres diplomam-se em Medicina no Estado, sendo que a primeira mulher a frequentar a Escola Politécnica de São Paulo somente vai fazê-lo em 1928.² Apenas a partir dos anos 40, as mulheres começam a aumentar a sua presença no ensino superior, o que ocorre naquelas carreiras tidas como mais “tradicionais” (Blay e Conceição, *op. cit.*).

A partir dos anos 70, verifica-se uma significativa expansão das matrículas no ensino superior. Grande parte desse crescimento é atribuído ao aumento da participação feminina nesse grau de ensino (Barroso; Mello, 1975; Rosemberg, 1983 e 1994; Passos, 1997).

Barroso e Mello (1975) observam que foi marcante o crescimento da participação feminina no ensino superior entre 1956 e 1971, passando do patamar de 26% para 40%. As autoras evidenciam que essa participação não ocorre de modo uniforme: o aumento da concentração se dá, sobretudo, naquelas carreiras “‘femininas’ definidas culturalmente como mais apropriadas à mulher”. Em 1971, algo em torno de metade das mulheres matriculadas no ensino superior concentrava-se nos cursos de Letras, Ciências Humanas e Filosofia.

¹ Em 19 de abril de 1879, D. Pedro II faz aprovar uma lei autorizando a presença feminina nos cursos superiores. A decisão do Imperador deveu-se ao episódio vivido por Augusta Generosa Estrela, que, tendo se diplomado em Medicina, em New York, em 1876, com uma bolsa de estudos concedida pelo próprio Imperador, foi impedida de exercer a profissão ao retornar ao Brasil (Blay e Conceição, 1991).

² No Brasil, em 1907, as mulheres representavam apenas 0,24% dos estudantes do Ensino Jurídico, 3,63% do Ensino Médico e Farmacêutico e 0,47% do Ensino Politécnico. Cf. Barroso e Mello (1975)

Em que pese a preocupação de buscar explicações que evitem visualizar as mulheres como vítimas das armadilhas sociais, estudos sinalizam para a fragilidade dos indícios de que a estratificação sexual das carreiras tenda a diminuir, como mostram Rosemberg e Pinto (*apud* Madeira, 1997). As análises seguem sinalizando para a manutenção da tendência de escolha, pelas mulheres, das carreiras “femininas”, fenômeno que traz como consequência o aprofundamento da estratificação por gênero e atua no sentido de reduzir o efeito democratizador do acesso das mulheres ao ensino universitário. A análise das informações do censo de 1991, sobre a distribuição de mulheres e homens nas carreiras de nível superior na Bahia, confirma essa tendência (Queiroz, 1999).

Contudo, autores como Lewin (*apud* Rosemberg, *et. al.*, 1990) e Passos (1997) têm uma atitude otimista com relação à presença feminina em carreiras “masculinas”, por considerarem que, mesmo em proporção reduzida, essa participação representa um avanço, pela possibilidade de ampliação desse pequeno “interstício” aberto no território masculino.

Esse cenário evidencia o quanto o enfoque de gênero é “fundamental para se entender a educação formal e suas articulações com outras instâncias sociais”, como bem assinala Rosemberg (1994, p. 39). E, nesse sentido, o enfoque exclusivo de gênero seria insuficiente para dar conta do acesso das mulheres ao ensino superior no Brasil. A existência de uma hierarquia racial na sociedade brasileira chama atenção para a necessidade de tomar a raça como categoria relevante para análise da situação da mulher na vida social brasileira (Sardenberg; Costa, 1994; Stolcke, 1991). Assim, buscando contribuir para a compreensão da inserção de homens e mulheres dos distintos segmentos raciais no ensino superior, analisaremos, neste trabalho, dados fornecidos pela Universidade Federal da Bahia, referentes aos estudantes que ingressaram na Universidade, no período 1993 a 1997.

GÊNERO, COR E ACESSO À CARREIRA

A observação por gênero do contingente matriculado na UFBA, no período investigado, mostra que as mulheres estão representadas em proporção próxima à dos homens, confirmando o que já havia sido apontado por Rosemberg (1994), que o gênero já não representa um problema para o acesso ao ensino superior no Brasil.

A observação da condição racial segundo o gênero mostra que os homens são maioria em quase todos os contingentes raciais, o que não surpreende, em se tratando de uma população predominantemente masculina. Apenas no segmento branco as mulheres têm presença superior à dos homens. No contingente preto, está a maior distância relativa entre homens e mulheres, o que aponta não somente para a desvantagem dessas com relação ao seu grupo racial, como evidencia a sua distância da situação das mulheres brancas (Tabela 1).

TABELA 1 – Estudantes por gênero e cor

Gênero	Branca	Morena	Mulata	Preta	Total
Feminino	53,2	46,8	48,1	45,7	48,8
Masculino	46,8	53,2	51,9	54,3	51,2

Fonte: UFBA/Pesquisa Direta.

Apesar de se constituírem na maior parcela do contingente oriundo da escola privada, o que poderia lhes conferir vantagem na disputa pelo acesso à Universidade, as mulheres estão, mais que os homens, sujeitas ao maior número de insucessos. Assim, elas estão menos representadas no contingente de estudantes que contam com apenas uma experiência em concurso vestibular. É também reveladora a situação das mulheres quando se observa aqueles segmentos que contabilizam mais de uma experiência de vestibular. Entre as mulheres, é mais representativo do que entre os homens o contingente que tentou aprovação até duas vezes. Eles se igualam quando se trata daqueles que estavam prestando vestibular pela terceira vez. Contudo, quando o número de experiências excede a três, diminui o contingente feminino e eleva-se a participação entre os homens, o que pode significar que as mulheres são levadas a desistir mais cedo que os homens, na UFBA (Tabela 2).

TABELA 2 – Distribuição percentual dos estudantes com experiência em concurso vestibular por gênero

Experiências em concurso vestibular	Mulheres	Homens
Nenhuma	33,0	34,7
Uma	34,4	31,7
Duas	20,5	19,5
Três	8,4	8,4
Quatro	3,6	5,8
Mais de cinco	0,0	0,1

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Considerando as variáveis gênero e cor, observa-se que a proporção mais elevada de estudantes que ingressaram na universidade na primeira vez que prestaram vestibular está entre os homens brancos. Ao contrário, o grupo em pior situação é o das mulheres pretas: apenas 26,8% delas conseguem ingressar na universidade na primeira tentativa, numa distância, portanto, de 13,3 pontos percentuais em relação aos homens brancos (Tabela 2a)

TABELA 2A – Distribuição percentual das estudantes segundo o número de vezes que prestaram vestibular anteriormente por gênero e a cor

	Branca		Morena		Mulata		Preta	
	H	M	H	M	H	M	H	M
Nenhuma	40,1	38,0	34,2	32,1	30,6	29,7	29,3	26,8
Uma	31,0	31,4	32,0	34,6	31,2	37,7	29,8	36,8
Duas	16,6	19,9	18,7	20,5	23,0	21,4	25,8	22,0
Três	6,8	7,4	8,8	9,1	9,9	8,1	8,4	9,2
Quatro e mais	5,5	3,4	6,3	3,7	5,1	3,2	6,6	5,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

O exame das razões apresentadas pelos estudantes para suas escolhas das carreiras sinaliza para uma tendência de as mulheres fazerem sua opção pela carreira com base nos estereótipos de gênero, confirmando o que mostra a maioria dos estudos. Assim, é possível pensar que são justamente esses estereótipos que se revelam nas escolhas femininas sob a forma das “aptidões” e “interesses”, razões mais apontadas por todos os estudantes, mas sobretudo pelas mulheres brancas e morenas. Ainda que seja um grupo bastante diminuto aquele que apresentou a “menor concorrência” como razão da sua escolha, é curioso observar que o contingente mais elevado a fazer essa

opção é de mulheres pretas, justamente o grupo mais sujeito a desvantagens. A proporção de mulheres pretas a apresentar a “menor concorrência” pela carreira como justificativa de sua escolha é cinco vezes maior do que no grupo de mulheres brancas, aquelas que dividem com os homens brancos as posições mais privilegiadas (Tabela 3).

TABELA 3 – Distribuição dos estudantes segundo a razão da escolha da carreira, por gênero e cor

	Branca		Morena		Mulata		Preta		Total	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Mais adequado	80,8	84,8	78,1	83,3	74,3	79,8	75	79,8	77,9	82,9
Útil ao desenvolvimento do país	4,9	2,9	5,6	3,7	7,4	3,8	6,4	4,8	5,8	3,6
Permite conciliar outros interesses	2,5	2,5	2,7	2,2	3,0	2,5	2,9	1,8	2,7	2,3
Vantagem econômica.	2,6	1,2	2,5	1,1	2,3	1,2	1,7	1,4	2,4	1,2
Permite relacionamentos interessantes	1,0	1,5	1,0	1,1	1,0	1,6	1,4	1,4	1,0	1,3
Menor concorrência	0,7	0,4	1,2	0,8	1,3	1,4	1,4	2,0	1,1	0,8
Outras	7,5	6,7	8,9	7,8	10,7	9,7	11,2	8,8	7,9	9,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

PARTICIPAÇÃO NAS CARREIRAS UNIVERSITÁRIAS, POR GÊNERO E COR

A participação por carreira mostra que a presença masculina predomina em 51,9% delas, o que poderia não representar uma grande distância das mulheres, considerando-se que os homens são a maioria dos que ingressam na universidade. Contudo, elas estão mais representadas, frequentemente, nas carreiras de menor valorização social.

Na Área I, **Matemática, Ciências Físicas e Tecnologia**, as mulheres são maioria numa única carreira, a **Arquitetura**, respondendo por pouco mais da metade dos estudantes. O estudo de Passos (1997) sobre a presença da mulher na UFBA mostra um aumento da participação feminina nesse curso, ao longo do período por ela investigado (1974/1994). A esse respeito, a autora levanta a hipótese de que a percepção de certas similitudes entre a Arquitetura e a Decoração, essa última tida como um campo de interesse tipicamente feminino, possa estar influenciando a escolha das mulheres pela carreira, ao tempo em

que afasta as escolhas masculinas dessa opção. Nas demais carreiras dessa área, as mulheres, embora minoritárias, têm participação mais próxima dos homens em Química e Estatística, duas carreiras pouco valorizadas. A participação feminina é maior justamente em Química, coincidentemente uma das poucas carreiras dessa área, ao lado de **Matemática** e **Física**, que prepara para o magistério. Também aqui percebe-se que as mulheres estão situadas naquele espaço que a tradição consolidou como **espaço feminino**.

Engenharia Mecânica, Engenharia de Minas e Engenharia Elétrica são as carreiras dessa área em que as mulheres estão menos representadas. Na primeira, para cada mulher que consegue ingressar, existem 42,4 homens. Na segunda, a relação é de 33,4 homens para cada mulher. E, na terceira, a proporção é de 10,9 para uma. Embora essa distribuição não chegue a surpreender, considerando que as **engenharias** são, tradicionalmente, territórios cativos dos homens, ela indica que as mulheres necessitam percorrer ainda uma longa distância para ocupar posições de maior valorização e, conseqüentemente, de possibilidades de maiores rendimentos no mercado de trabalho, cujo acesso é chanceado justamente por carreiras que seguem sendo, ainda hoje, domínio quase exclusivo dos homens (Tabela 4). Se essa é uma área pouco permeável à presença feminina, para as mulheres pretas ela é ainda mais fechada. Em duas carreiras da área elas estão ausentes – Geofísica e Engenharia Mecânica. Na segunda, também não há mulheres mulatas. Sua maior participação ocorre, em geral, naquelas carreiras voltadas para o magistério, como Química, Matemática e Física. Em Estatística e Geologia, carreiras de baixa valorização³, as pretas têm participação

³ A atribuição do nível de prestígio aos cursos baseou-se numa consulta a empresas de consultoria em RH, que atuam em Salvador, a respeito do prestígio das carreiras no mercado de trabalho, que resultou na seguinte escala de prestígio: **Baixo** prestígio – Desenho e Plástica, Instrumento, Biblioteconomia, Canto, Licenciatura em Ciências, Geografia, Museologia; **Médio Baixo** prestígio – Filosofia, Ciências Biológicas, Música, Geologia, Física, Geofísica, Composição e Regência, Estatística, Artes Cênicas (Licenciatura, Interpretação Teatral, Direção Teatral), Dança, História; **Médio** prestígio – Secretariado, Farmácia, Agronomia, Química, Educação Física, Desenho Industrial, Ciências Sociais, Artes Plásticas, Letras (Vernáculos, vernáculos com Língua Estrangeira, Língua Estrangeira), Matemática; **Médio Alto** prestígio – Ciências Econômicas, Comunicação, Medicina Veterinária, Engenharia Sanitária e Ambiental, Enfermagem, Pedagogia, Ciências Contábeis, Nutrição, Química Industrial, Engenharia de Minas; **Alto** prestígio – Medicina,

mais destacada que as mulheres dos outros segmentos; na primeira, também as mulatas têm participação destacada (Tabela 4a).

TABELA 4 - Distribuição percentual dos estudantes nos cursos da área I por gênero

Curso	Mulher	Homem	Total
Arquitetura	52,0	48,0	100,0
Engenharia Civil	20,7	79,3	100,0
Engenharia de Minas	2,9	97,1	100,0
Engenharia Elétrica	8,4	91,6	100,0
Engenharia Mecânica	3,3	97,7	100,0
Engenharia Química	21,9	78,1	100,0
Engenharia Sanitária e Ambiental	24,4	75,6	100,0
Física	14,0	86,0	100,0
Geologia	34,2	65,8	100,0
Matemática	26,7	73,3	100,0
Processamento de Dados	26,7	73,8	100,0
Química	48,1	51,9	100,0
Estatística	40,3	59,7	100,0
Química Industrial	28,3	71,7	100,0
Geofísica	17,9	82,1	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

TABELA 4A - Distribuição percentual dos estudantes nos cursos da área I por gênero e cor

Curso	Branca		Morena		Mulata		Preta	
	M	H	M	H	M	H	M	H
Arquitetura	35,7	12,3	36,6	12,0	18,4	8,2	13,9	4,2
Engenharia Civil	19,1	26,2	13,6	18,5	5,7	16,2	6,9	8,4
Engenharia de Minas	0,3	3,3	-	4,4	0,6	4,5	1,4	6,1
Engenharia Elétrica	2,9	8,1	1,2	9,7	2,5	6,8	6,9	5,1
Engenharia Mecânica	1,3	11,5	0,3	9,1	-	6,8	-	5,1
Engenharia Química	5,7	6,5	3,9	6,7	5,7	6,6	4,2	5,6
Engenharia Sanit. e Ambiental	3,8	5,7	4,5	4,0	5,1	4,7	4,2	8,4
Física	1,0	3,3	3,6	6,3	3,2	9,9	6,9	11,2
Geologia	6,4	4,8	6,0	5,5	6,3	3,8	18,1	7,0
Matemática	3,5	2,3	7,6	6,7	10,1	9,4	8,3	15,0
Processamento de Dados	7,0	9,0	4,8	5,1	5,7	3,8	1,4	3,3
Química	4,5	1,1	9,4	4,7	18,4	5,2	18,1	7,0
Estatística	3,8	1,6	4,2	2,7	14,6	6,6	9,7	7,5
Química Industrial	3,5	2,2	3,0	3,3	3,2	4,5	5,6	3,7
Geofísica	1,6	2,2	1,2	1,3	0,6	3,1	-	2,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Embora Passos (*op. cit.*) mostre-se otimista com relação ao avanço da participação da mulher no ensino superior, o próprio estudo da autora evidencia a impermeabilidade de certas carreiras à presença

Química Industrial, Engenharia de Minas; **Alto** prestígio – Medicina, Direito, Odontologia, Administração, Ciência da Computação, Engenharia Elétrica, Psicologia, Engenharia civil, Engenharia Mecânica, Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Química.

feminina, mostrando, ao lado de outros autores já referidos, que “existem, no imaginário coletivo, e das próprias mulheres, estereótipos que as fazem distanciar-se de algumas ocupações, tradicionalmente tidas como não apropriadas ao seu sexo.” (p. 143). Esses **estereótipos** parecem se constituir em barreiras suficientemente poderosas não apenas para afastar as mulheres das carreiras ditas **masculinas**, mas para determinar um desempenho inferior das mulheres na competição pelo acesso ao curso.

Na área II, **Ciências Biológicas e Profissões de Saúde**, excetuando-se **Medicina e Agronomia**, as mulheres são majoritárias em todas as demais carreiras da área. **Medicina**, na qual as mulheres são apenas um terço do contingente, é considerada a carreira de mais elevado prestígio social, não apenas dessa área, como de todo o elenco de carreiras da UFBA (Tabela 5). Segundo o estudo de Passos (op. cit.), as mulheres já tiveram uma participação mais expressiva no curso de Medicina, durante a década de 80, quando chegaram, inclusive, a ultrapassar o contingente masculino. A explicação da autora para esse avanço da presença feminina está numa desvalorização sofrida pela carreira médica, em decorrência do rebaixamento dos níveis de salários e da precarização das condições de trabalho da profissão, nas últimas décadas, provocando o afastamento dos homens, em busca por profissões mais atrativas. Esse vácuo deixado pela saída dos homens teria sido ocupado pelas mulheres, que aumentaram, desse modo, sua participação nessa carreira.

TABELA 5 - Distribuição percentual dos estudantes nos cursos da área II por gênero

Curso	Mulher	Homem	Total
Agronomia	34,5	65,5	100,0
Ciências Biológicas	54,8	45,2	100,0
Enfermagem	93,3	6,7	100,0
Farmácia	57,6	42,4	100,0
Medicina	34,4	65,6	100,0
Medicina Veterinária	54,1	45,9	100,0
Nutrição	91,5	8,5	100,0
Odontologia	60,8	39,2	100,0
Lic. em Ciências do 1º Grau	73,3	26,8	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Observa-se, no entanto, que a participação masculina nessa carreira volta a crescer nos anos 90, passando os homens, no período 94/97, a representar dois terços dos estudantes que ingressaram no curso. A esse respeito é possível pensar que as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, sobretudo a partir de finais dos anos 80, que tiveram como consequência a redução dos níveis de absorção da força de trabalho em todos os patamares da estrutura de ocupações (Santos, 1997; Lavinias, 1996), tenham contribuído para aumentar a competição em todos os espaços ocupacionais, fazendo com que certos espaços, antes disponíveis para as mulheres, voltassem a ser disputados pelos homens, principalmente em se tratando de profissões tradicionalmente prestigiadas como a carreira médica.

A outra carreira de maior participação masculina da área, **Agromonia**, é considerada um tradicional reduto dos homens: as mulheres são cerca de um terço do grupo. Embora se tratando de uma carreira de **médio** prestígio, o que não autorizaria a expectativa de uma elevada competição por vaga, não surpreende, de todo modo, a menor presença feminina nessa carreira, direcionada para as atividades ligadas ao campo e cujo desempenho exige o contato com um mundo rural que, assim como o mundo da fábrica, está muito distanciado daquele tradicionalmente concebido como **apropriado** para as mulheres. Aqui não é difícil supor que a exclusão e até mesmo a auto-exclusão das mulheres respalde-se num argumento cuja base é a sua constituição física. Há, na sociedade, uma expectativa de interesses e desempenhos distintos segundo o gênero, que surge muito cedo na vida das pessoas: a crença de que as mulheres são fisicamente mais frágeis, menos capazes do que os homens, e as próprias representações que as mulheres têm de certas atividades como sendo ou não apropriadas para elas as afasta de certas carreiras (Louro, 1997; Guimarães, 1990). O jogo dessas representações pode ainda afastar as mulheres, pela percepção de que esse é um mercado de trabalho mais impermeável à presença feminina. No caso particular do curso de **A-**

gronomia da UFBA, além das características próprias da carreira, um outro elemento pode estar atuando para determinar a menor participação das mulheres. A localização do curso, num *campus* distante da Capital, local de residência para 93,8% das mulheres que freqüentam a Universidade, provavelmente também está contribuindo para afastar as mulheres.

Como anteriormente assinalamos, as demais carreiras da área são de predominância feminina. A maior concentração das mulheres, contudo, localiza-se na **Enfermagem**, a segunda carreira de maior presença feminina na UFBA, somente superada pelo curso de **Secretariado**. Aí, para cada homem existem quase quatorze mulheres. A elevada presença feminina nessa carreira não surpreende, por ser essa uma profissão que se constituiu associada a tarefas tradicionalmente exercida pelas mulheres, como a **maternagem**⁴ e o ocupar-se dos demais dentro do mundo doméstico. Analisando a enfermagem como uma carreira massivamente feminina, Danièle Kergoat (1990) chama atenção para a ambigüidade que envolve a profissão, tanto em relação às qualidades ou qualificações demandadas quanto com relação à maneira como as enfermeiras vivem suas qualificações: “os papéis sociais demandados dos trabalhadores são papéis femininos remetidos ainda às qualidades que a uma qualificação e remetidos mais às qualidades individuais.”(p. 7). Para a autora, essa ambigüidade estaria ligada à própria origem da profissão, exercida até bem pouco tempo por religiosas, o que traz consigo a idéia de **vocação** (*idem*). Essa ideologia da **vocação** perduraria até os dias atuais, através da noção de **papel profissional**, tal como é evocada no processo de formação ou nos textos jurídicos em que se define o exercício da profissão. Desse modo, “a profissão se determinaria em termos da ‘pessoa’ da enfermeira que serve de garantia à prática cuidadosa com que se confunde”, trazendo

⁴ Cf. Carvalho, Marília P. e Vianna, Cláudia P. (1995, p. 33) “A maternagem é o trabalho relacionado ao cuidado e criação dos filhos e que pode ou não ser exercido pela mãe biológica”, e que os estudos brasileiros sobre relações de gênero têm adotado como tradução da palavra inglesa “*mothering*”.

desvantagens para o reconhecimento material e simbólico das competências das enfermeiras, na medida em que a profissão é definida muito mais em termos do **papel** da enfermeira do que em termos do “serviço profissional: os cuidados enfermeiros” (ibidem), o que é problemático, pela dificuldade em codificar as qualidades demandadas na profissão, que são atributos morais e individuais, atributos de gênero: “qualidades tradicionalmente femininas: o desvelo, por exemplo, mas também a minúcia e a destreza” (p. 9). A autora adverte, ainda, que a definição da profissão não é unicamente um quadro imposto do exterior. É também ... algo largamente interiorizado pelas enfermeiras.”. (idem). Depois de Pedagogia, Enfermagem é a carreira de maior concentração de mulheres mulatas e pretas.

Nutrição é outra carreira de grande presença feminina nessa área. Para cada homem aí presente, existem 10,8 mulheres. Ambas são consideradas carreiras de **alto-médio** prestígio social. Apesar do prestígio desfrutado, também aí a menor presença masculina não chega a chamar atenção, por uma razão próxima à acima apontada, ou seja, provavelmente o **seu envolvimento com alimentos**, atividade considerada própria do mundo doméstico, afaste os homens dessa opção (Passos, 1997, p. 144). Esse é um espaço de forte participação de mulheres mulatas e pretas.

Odontologia é uma das duas únicas carreiras da UFBA consideradas de **alto** prestígio social, em que mulheres estão melhor representadas que os homens. Para Passos (Passos, 1997), embora seja uma carreira de predominância feminina, esse é um campo que se que apresenta atrativo para os homens, pela possibilidade de vantagens econômicas e sociais que oferece. A elevada participação das mulheres explica-se pela associação entre gênero e classe. Esse seria, segundo Passos (Passos, 1997) um espaço de inserção de mulheres “oriundas de camadas média-alta e alta da sociedade, de cursos secundários de boa qualidade” (p. 144), em busca de uma carreira que atenda às expectativas de profissionalização do seu grupo social. Aí as mulheres

podem encontrar maiores possibilidades de inserção porque, mesmo sendo carreira de elevado prestígio, não desfruta da tradição que possui a Medicina, essa sim, de preferência masculina, porque vista como conferidora de maior valorização social. A participação das mulheres mulatas e pretas aí ocorre numa proporção de menos de duas para cada cinco mulheres brancas.

Em **Medicina Veterinária**, considerada carreira de **alto-médio** prestígio, as mulheres são 54,1% e os homens 45,9%. Embora sendo uma carreira também voltada para o mundo rural, a proporção mais elevada de mulheres aí deve-se provavelmente à possibilidade de voltar-se para o atendimento a animais de pequeno porte ou a animais domésticos, atividades tidas como mais próximas do que se concebe como mundo feminino.

As demais carreiras da área desfrutam de menor prestígio social. Em **Farmácia**, considerada de **médio** prestígio, as mulheres representam 57,6% dos estudantes do curso. Em **Ciências Biológicas**, de **baixo-médio** prestígio, as proporções de homens e mulheres não estão muito distanciadas, respectivamente 54,8% e 45,2%. Na **Licenciatura em Ciências do 1º Grau**, a carreira de menor prestígio da área, as mulheres têm a terceira maior participação dessa área. Assim como a anterior, essa é uma carreira voltada para o magistério, o que evidencia que as carreiras de menor valorização da área são justamente aquelas voltadas para o magistério, de maioria também feminina. Aí as mulheres mulatas e pretas, mas sobretudo as pretas, estão melhor representadas que as demais.

A articulação entre gênero e raça, analisada a partir da Tabela 5a, revela que as mulheres brancas têm a situação mais privilegiada depois dos homens brancos. Elas apresentam suas mais elevadas concentrações em **Odontologia e Medicina**. Também as mulheres morenas estão razoavelmente bem representadas nas carreiras prestigiosas aí situadas. Ao contrário, a carreira de maior concentração de pretas e mulatas é a Licenciatura em Ciências, a ante-penúltima colocada no *ranking* de pres-

tígio das carreiras da UFBA. Um quinto das mulheres pretas e igual proporção de mulatas encontram-se na área de enfermagem. Nutrição é outra carreira em que as mulheres pretas e mulatas têm participação expressiva. Complementando o que foi dito acima sobre o caráter “feminino” dessas profissões, acrescentaria que elas podem ser vistas também como tendo um traço racial. É possível buscar entender a elevada concentração de mulheres pretas e mulatas aí a partir do lugar ocupado tradicionalmente pela mulher mulata e preta, no mundo do trabalho, na sociedade brasileira. Assim, além de estarem ligadas à **maternagem**, essas carreiras podem ainda sugerir um vínculo mais amplo com o trabalho realizado no ambiente doméstico, aquele que sempre foi o espaço ocupacional reservado às mulheres desses segmentos raciais. No entanto, é também possível ver a sua presença nessas carreiras num sentido positivo. Se elas ainda não puderam se inserir nos espaços almejados, isto é, nas carreiras mais prestigiosas, pela precariedade da formação básica recebida, pela dificuldade de recursos para investir na melhoria da sua formação através de cursos preparatórios, o acesso que elas conseguem ter, hoje, às carreiras superiores não deixa de representar um avanço na luta para superar suas condições de desvantagem, um instrumento capaz de lhes permitir “abrir a porta da frente” e escapar da “cozinha do branco”, como tão bem caracterizou uma entrevistada, numa investigação anteriormente por mim realizada (Queiroz, 1997).

TABELA 5A - Distribuição percentual dos estudantes nos cursos da área II por gênero e cor

Curso	Branca		Morena		Mulata		Preta	
	M	H	M	H	M	H	M	H
Agronomia	4,1	13,2	6,7	16,0	9,4	23,9	11,6	22,9
Ciências Biológicas	7,6	11,5	9,8	9,3	8,5	7,7	8,3	12,0
Enfermagem	7,6	0,3	13,8	1,0	20,8	3,2	20,7	2,4
Farmácia	13,2	12,1	13,7	12,0	13,3	12,6	9,9	26,5
Medicina	16,1	35,6	11,6	30,2	6,0	22,3	2,5	10,8
Medicina Veterinária	11,7	12,1	10,6	11,7	10,3	14,2	4,1	6,0
Nutrição	10,9	-	14,1	2,2	16,0	3,2	13,2	-
Odontologia	22,8	12,4	12,8	14,0	5,7	9,3	8,3	6,0
Lic. em Ciências do 1º Grau	5,9	2,9	6,9	3,6	10,0	3,6	21,5	13,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

A área III, **Filosofia e Ciências Humanas**, é aquela de maior predominância feminina: as mulheres estão mais presentes em 46,7% das carreiras (Tabela 6). Elas são majoritárias em **Secretariado, Pedagogia, Biblioteconomia, Psicologia, Museologia, Comunicação e Ciências Sociais**. Dessas, **Psicologia** é uma das raras carreiras de alto prestígio social da Universidade em que as mulheres são maioria. Em que pese o prestígio da carreira, não é difícil explicar a reduzida presença masculina nesse espaço considerado prestigioso. Como **Enfermagem, Nutrição e Odontologia, Psicologia** está entre aquelas carreiras cujas características guardam certa analogia com as tarefas próprias do mundo doméstico, tidas tradicionalmente como apropriadas às habilidades femininas. Contudo, assim como **Odontologia**, é um espaço de inserção das mulheres vindas das camadas mais privilegiadas, que freqüentaram escolas de boa qualidade e que, portanto, podem se permitir disputar uma vaga no ensino superior, num contexto de maior concorrência, em busca de uma carreira que, mesmo pertencendo ao “gueto” feminino⁵, permite a inserção em espaços mais adequados às expectativas de profissionalização do seu grupo social. As mulheres mulatas e pretas têm sua maior participação em **Pedagogia**, que, embora considerada de **alto-médio** prestígio, como carreira voltada para o magistério, não desfruta da mesma valorização que as demais carreiras classificadas nesse nível de prestígio.

⁵ Rosemberg (1983) ressalta a contribuição da Psicologia para a expansão do ensino superior na década de 70, graças à grande participação feminina. A autora evidencia que, no vestibular da CESGRANRIO, no período compreendido entre 1973 a 1977, a taxa de feminilidade da carreira se eleva de 80,5% para 86,0%. A autora reiteradamente observa que as mulheres “... escolhem cursos assistenciais, ligados à área de educação ou para-médicos – Psicologia – não apenas porque sua socialização conduziu-as a ‘preferirem’ papéis expressivos; não apenas pelo seu passado escolar que privilegiou as humanidades em detrimento das ciências e da técnica; mas também pelo ajustamento de tais cursos à ambivalência de sua condição”. Isso, parece à autora “... demonstrar o exercício de um poderoso senso de realidade. Uma estratégia de sobrevivência” Assim, “modelar-se, adaptar-se, conciliar seus processos internos são a margem de manobra que lhes resta para dar conta de expectativas suas que não se esgotam na preservação da espécie humana.” (p.37).

TABELA 6 - Distribuição percentual dos estudantes nos cursos da área III por gênero

Curso	Mulher	Homem	Total
Administração	39,5	60,5	100,0
Biblioteconomia	73,7	26,3	100,0
Ciências Contábeis	38,0	62,0	100,0
Ciências Econômicas	36,0	64,0	100,0
Ciências Sociais	56,9	43,1	100,0
Comunicação Social	60,6	39,4	100,0
Direito	43,1	56,9	100,0
Filosofia	32,6	67,4	100,0
História	31,8	68,2	100,0
Museologia	66,0	34,0	100,0
Pedagogia	89,8	10,2	100,0
Psicologia	71,7	28,3	100,0
Secretariado	97,3	2,7	100,0
Educação Física	24,7	75,3	100,0
Geografia	33,1	66,7	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Na área III, as mulheres são ainda majoritárias em duas carreiras de **alto médio** prestígio – **Comunicação** e **Pedagogia**; em dois terços das carreiras de **médio** prestígio – **Secretariado** e **Ciências Sociais** – e em dois terços das carreiras de **baixo** prestígio – **Biblioteconomia** e **Museologia**. Assim, os homens desfrutam da vantagem de estar melhor representados na maioria das carreiras de elevado prestígio social da área – **Administração**, e **Direito** – e compartilham ainda com as mulheres a participação nas carreiras de **alto-médio** e **médio** prestígio. Apesar de serem hoje consideradas carreiras prestigiosas, estudo da década de sessenta apresenta a **Administração**, ao lado de **Ciências Econômicas**, como cursos de caráter “popular”, pelo nível socioeconômico dos estudantes que aí se inseriam (Gouveia, 1968). Também **Direito**, hoje participando do grupo de carreiras de **alto** prestígio social, na mesma época era vista apenas como uma carreira de prestígio “intermediário”, que “havia perdido o caráter de curso de elite.” (Gouveia, 1968, p. 239). O estudo não traz a distribuição dos estudantes, por sexo, nessas carreiras, o que não permite avaliar como se comportou essa distribuição à medida que se modificou a percepção sobre o prestígio social da carreira. No caso de **Direito**, o estudo de

Passos (1997) sobre a UFBA aponta uma elevação da presença das mulheres a partir da década de 80.

O aspecto que mais chama atenção, nessa área, é a participação majoritária dos homens em 60% das carreiras voltadas para o magistério, tradicionalmente consideradas femininas. Excetuando-se **Pedagogia** e **Ciências Sociais**, as demais carreiras de formação para o magistério são majoritariamente masculinas. Em seu estudo, Passos (op. cit.) chama atenção para a tendência ao crescimento da presença masculina em certas carreiras antes consideradas femininas. Nossa interpretação é de que, em contextos de desaceleração da atividade econômica, como o atual, com a conseqüente redução dos postos de trabalho, os homens avançam por aqueles espaços do mercado de trabalho que eram antes cativos das mulheres. Essa explicação parece razoável sobretudo porque não se trata da disputa por carreiras valorizadas ou em processo de valorização, mas, ao contrário, de carreiras voltadas para o magistério, que, além de mais “tipicamente femininas”, são vistas como de pouco valor, tanto econômico como simbólico. **Educação Física** é, das carreiras da área III voltadas para o Magistério, a única tradicionalmente masculina. Rosenberg (1994) mostra que a educação física, assim como o esporte em geral, são territórios regidos por regras masculinas, em acordo com a ordem patriarcal. Para a autora, “a associação histórica entre esporte, guerra e vida militar – portanto, universo masculino – e o forte preconceito anti-homossexualismo (o medo de virilização da mulher através do esporte) ... impregnam de componentes sexistas este campo de atividade, afastando dele as mulheres, o que se traduz no pequeno número de mulheres atletas oficialmente registradas no País.” (p. 25). As mulheres representam apenas um quarto dos estudantes desse curso. Também como nas áreas anteriormente analisadas, o privilégio de estarem bem representadas nas carreiras mais prestigiosas pertence às mulheres brancas. Enquanto elas estão melhor situadas em carreiras como **Direito** e **Administração**, as pretas e mulatas têm suas maiores con-

centrações em carreiras de baixa valorização, que freqüentemente não apresentam condições atraentes no mercado de trabalho, como **Pedagogia** e **Biblioteconomia** (Tabela 6a).

TABELA 6A - Distribuição percentual dos estudantes nos cursos da área III por gênero e cor

Curso	Branca		Morena		Mulata		Preta	
	M	H	M	H	M	H	M	H
Administração	13,0	18,3	7,4	17,2	7,7	10,9	3,5	6,0
Biblioteconomia	3,4	1,8	5,6	2,0	10,6	5,0	15,4	5,1
Ciências Contábeis	4,3	6,6	5,7	10,3	6,9	14,7	8,8	16,7
Ciências Econômicas	5,4	8,7	5,6	11,3	4,0	7,2	2,2	11,2
Ciências Sociais	7,9	6,0	8,3	6,2	12,9	11,6	9,7	13,0
Comunicação	7,7	6,6	6,0	3,6	5,7	4,7	1,8	2,8
Direito	17,2	28,1	15,4	22,2	6,6	9,4	3,5	7,0
Filosofia	2,4	4,4	2,6	6,0	3,4	6,6	0,9	7,4
História	1,7	4,4	2,6	5,1	3,4	9,1	2,6	8,8
Museologia	2,6	1,1	2,7	1,9	3,2	1,6	3,5	2,3
Pedagogia	13,5	1,8	14,5	1,6	15,8	1,6	30,0	5,1
Psicologia	8,7	4,4	9,6	3,3	2,0	2,8	4,4	2,3
Secretariado	8,8	0,4	11,8	0,3	11,2	0,6	11,0	-
Educação Física	1,7	4,1	1,4	4,9	2,0	8,1	0,9	6,0
Geografia	1,8	3,2	1,1	4,1	4,6	6,3	1,8	6,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Na área IV, **Letras**, os três cursos (**Letras vernáculas**, **Letras com língua estrangeira** e **Língua estrangeira**), considerados de *médio* prestígio social, contam com expressiva presença feminina, em proporção sempre superior a dois terços (Tabela 7). Vários estudos têm chamado atenção para a elevada concentração da presença feminina nessa área (Barroso; Mello, 1975; Bourdieu; Passeron, 1973; Maggie, s. d.; Passos, 1997). Além de pouco atrativa para os homens, pela baixa competitividade no mercado de trabalho, como as demais carreiras voltadas para o magistério, **motivos de ordem prática** também são apontados para a escolha dessa profissão pelas mulheres (Passos, 1997). No passado “essa área do saber foi, no Brasil, muito importante, não como profissionalização e sim como um saber que daria valor à formação feminina.” (p. 145). No entanto, hoje, além daquela que a autora chama de “sua clientela real”, aqueles estudantes de ambos os sexos oriundos de cursos médios de baixa qualidade, haveria entremendo essa clientela uma outra, composta de “mulheres de camadas

sociais abastadas que os procuram pelos motivos alegados no passado ou como forma de se prepararem para viagens e intercâmbio.” (idem). Nas três carreiras dessa área, as mulheres mulatas e pretas têm participação expressiva, como se pode ver a seguir (Tabela 7a).

TABELA 7 - Distribuição percentual dos estudantes nos cursos da área IV por gênero

Curso	Mulher	Homem	Total
Letras Vernáculas	74,0	26,0	100,0
Letras c/ Língua Estrangeira	76,6	22,4	100,0
Língua Estrangeira	69,7	30,3	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

TABELA 7a - Distribuição percentual dos estudantes nos cursos da área IV por gênero

Curso	Branca		Morena		Mulata		Preta	
	M	H	M	H	M	H	M	H
Letras Vernáculas	32,1	59,1	37,7	36,7	22,4	25,9	29,8	37,5
Letras c/ Língua Estrangeira	59,3	36,4	54,1	55,0	67,2	70,4	51,1	50,0
Língua Estrangeira	8,6	4,5	8,2	8,3	10,4	3,7	19,1	12,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

A área V, **Artes**, é também predominantemente feminina, e as carreiras aí situadas são de **médio, médio-baixo** e **baixo** prestígio social. As mulheres são maioria em três quartos das carreiras (Tabela 8). Os homens são maioria em apenas três: **Instrumento, Desenho Industrial e Composição e Regência**. Para Passos (1997) não surpreende que a primeira e a última tenham sido consagradas pela tradição como profissões masculinas, pois afinal são atividades cujo exercício exige, em geral, liderança, exercício do poder e da força. Nas demais carreiras da área, em que as mulheres predominam, algumas estão fortemente marcadas por estereótipos, como é o caso da **Dança** que, em certa época, foi vista com reservas até para as mulheres, porque destinava-se a uma certa parcela das mulheres, “aquela que deveria distrair os homens e não estava destinada ao casamento.” (Passos, 1997, p. 145). **Decoração** é outra carreira da área de grande carga ideológica associada ao cuidado com o cotidiano familiar, atribuição tipicamente feminina, considerada de menor valor social. É possível pensar que a maior presença feminina em certas carreiras dessa área se deva ao fato de essas estarem voltadas para as atividades lúdicas, portanto, aquilo

que seria, no imaginário social, e até mesmo das próprias mulheres, mais próximo do mundo feminino que do masculino. **Artes Plásticas** e **Decoração**, do ponto de vista do mundo produtivo, são tidas como de importância menor e até mesmo envoltas em uma certa puerilidade, atributo considerado típico das mulheres.

TABELA 8 - Distribuição percentual dos estudantes nos cursos da área V por gênero e cor

Curso	Mulher	Homem	Total
Artes Plásticas	63,4	36,6	100,0
Composição e Regência	43,1	56,9	100,0
Dança	89,5	10,5	100,0
Desenho e Plástica	53,1	46,9	100,0
Artes Cênicas (Direção Teatral)	52,6	47,4	100,0
Artes Cênicas (Interpretação)	70,4	29,6	100,0
Artes Cênicas (Lic. em Teatro)	57,3	42,7	100,0
Música	62,9	37,1	100,0
Canto	83,3	16,7	100,0
Instrumento	7,7	92,3	100,0
Desenho Industrial	26,4	73,6	100,0
Decoração	4,1	95,9	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Para as mulheres brancas, as Artes Plásticas e a Dança apresentam-se como as carreiras mais atraentes. As mulheres pretas parecem guiadas por um **senso de realidade** (Rosemberg, *et al.*, 1992): **Desenho e Plástica**, que parece ser uma carreira com maior possibilidade de inserção no mercado de trabalho, é aquela de mais elevada concentração de mulheres pretas nessa área. Mais de um terço delas estão aí concentradas. Em algumas carreiras, como **Desenho Industrial**, **Direção Teatral** e **Instrumento**, não há mulheres pretas. Na última, tampouco há mulatas. Chama atenção a participação de mulheres pretas nas carreiras que compõem as **Artes Cênicas**. Embora as mulheres pretas tenham alguma expressão nos cursos de **Interpretação Teatral** e **Licenciatura em Teatro**, elas estão ausentes em **Direção**, uma carreira que, pelo próprio nome, sugere o desempenho de atividade de comando, posição que, no imaginário da social e das próprias mulheres **escuras**, não está associada à sua imagem. Aqui, é possível pensar que aquele **senso de realidade** determine sua auto-exclusão dessas carrei-

ras, vez que, não sendo alvo de acirradas disputas, a concorrência não justificaria seu alijamento (Tabela 8a).

TABELA 8A - Distribuição percentual dos estudantes nos cursos da área V, por gênero e cor

Curso	Branca		Morena		Mulata		Preta	
	M	H	M	H	M	H	M	H
Artes Plásticas	26,2	23,8	25,0	23,4	18,0	14,1	18,2	12,2
Composição e Regência	4,2	13,1	6,8	10,4	3,6	9,0	3,0	6,1
Dança	20,9	2,4	21,6	2,6	15,3	2,6	15,2	10,2
Desenho e Plástica	16,2	17,9	12,5	21,9	32,4	30,8	36,4	36,7
Artes Cênicas (Direção Teatral)	2,1	3,6	0,8	2,6	2,7	2,6	-	-
Artes Cênicas (Interpretação)	7,9	3,6	5,3	3,1	6,3	9,0	6,1	-
Artes Cênicas (Lic. em Teatro)	4,2	2,4	1,9	4,2	4,5	3,8	6,1	4,1
Música	1,0	14,3	4,9	9,4	7,2	10,3	9,1	12,2
Canto	0,5	-	2,7	1,0	0,9	-	3,0	-
Instrumento	0,5	4,8	0,4	4,7	-	7,7	-	10,2
Desenho Industrial	3,1	14,3	3,8	16,1	2,7	9,0	-	6,1
Decoração	13,1	-	14,4	0,5	6,3	1,3	3,0	2,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das conclusões que emergem desta análise é que a expectativa da sociedade, em geral, e do grupo familiar, em particular, agindo sobre a mulher desde muito cedo, direcionam suas escolhas para o que é esperado como o papel feminino. Assim, não é difícil compreender porque, num mundo em que a participação da mulher é cada vez mais ampla e num espaço onde elas estão representadas quase que nas mesmas proporções que os homens, sigam se distanciando das atividades tradicionalmente desempenhadas por homens e busquem, ainda hoje, carreiras identificadas com as atividades do mundo privado, aquelas reconhecidas como “tipicamente femininas”.

Assim, apesar da vantagem feminina representada pela realização dos estudos de segundo grau numa escola privada, os homens seguem sendo a maioria dos que ingressam na UFBA e estão também sujeitos a um menor número de insucessos. Isso mostra que estereótipos e expectativas sobre os gênero atuam diferentemente sobre homens e mulheres. Em situação de competição, como a que caracteriza

o vestibular, as mulheres, menos preparadas para situações de disputa, tenderiam a obter menos sucesso que os homens.

A distribuição por gênero nas áreas de concentração do ensino superior confirma os resultados de outros estudos que já haviam apontado para a participação do contingente feminino nas áreas de caráter humanístico, nas quais se concentram uma proporção maior de carreiras de baixa valorização social.

No entanto, é preciso não perder de vista que o acesso das mulheres às carreiras ditas “femininas” tem um significado relevante, porque essa foi uma das estratégias de que elas dispuseram, durante longo tempo, para inserirem-se no mundo do trabalho. Ou seja, foi através dessas carreiras que elas puderam construir significativos avanços na sua luta pela conquista de espaço social.

(Recebido para publicação em maio/2001)

(Aceito em junho/2001)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROSO, Carmem; MELLO, Guiomar Namo de. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 15, p. 47-77, 1975.
- BLAY, Eva Alterman, CONCEIÇÃO Rosana R. da. A mulher como tema nas disciplinas da USP. *Cadernos de Pesquisa*, . São Paulo, n. 76, p. 50-56, fev., 1991.
- BOURDIEU Y PASSERON J. C. *Los estudiantes y la cultura*. Buenos Aires: Labor, 1973.
- CARVALHO, Marília P. de; E VIANNA, Cláudia P. Movimentos sociais por educação: a invisibilidade dos gêneros. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 93, p. 32-39, mai., 1995.
- GOUVEIA, Aparecida Joly. Democratização do ensino superior. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 50, out./dez. 1968.
- GUIMARÃES, A. Relações de trabalho e de gênero na fábrica dos homens. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 14, 1990. Caxambu.
- MAGGIE, Yvonne. *Graduação e pós-graduação nas Ciências Humanas no Brasil: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFICS. s./d., (mimeo.)
- MADEIRA, Felícia. R. Quem mandou nascer mulher? Estudo sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. MADEIRA, Felícia. (Org.) *Trajetória das meninas dos*

setores populares: escola, trabalho ou... reclusão. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 45-133.

KERGOAT KERGOART, Danièle. **Qualification et rapports sociux de sexe:** le cas des ouvrières et celui des infirmières. Paris: CNRS/IRESO, 1990.

LAVINAS, Lena. Aumento da competitividade das mulheres no mercado de trabalho. In: **Estudos Feministas**, [s.l.], n. 1, v. 4, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

PASSOS, Elizete S. A mulher na Universidade Federal da Bahia: avanços e recuos. **Bahia Análise & Dados.** Salvador, v.7, n. 2, p. 142-150, set. 1997.

QUEIROZ, D. M. "Raça" e educação na Bahia nos anos 90". **Revista da FAAEBA,** Salvador, n. 12, jul./dez., 1999.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação e gênero no Brasil nos anos 80** (versão preliminar). Porto Alegre, 1994, (*mimeo.*)

ROSEMBERG, Fúlvia. Psicologia, profissão feminina. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, n° 47, p. 32-37, nov. 1983

ROSEMBERG, Fúlvia. *et. al.* **Mulher e educação formal no Brasil:** estado da arte e bibliografia. Brasília, INEP, 1990.

SANTOS. **Desigualdades ocupacionais entre brancos e negros na Região Metropolitana de Salvador (1987-1997).** Salvador, 1997. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFBA.

SARDENBERG, Cecília M. B.; COSTA, Ana Alice. Feminismos, feminista, e movimentos sociais. In: BRANDÃO, Margarida Luíza R., BINGEMER, M^ª Clara L. (Orgs) **Mulher e relações de gênero,** São Paulo: Edições Loyola, 1994.

STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?. **Estudos Afro- Asiáticos.** Rio de Janeiro, n. 20, p. 101-119, 1991.